Tipo de Sobrevivente

Stephen King

Cedo ou tarde, a pergunta se apresenta a todo estudante de Medicina. Até que ponto o paciente suporta o choque de um trauma? Instrutores diferentes respondem à pergunta de diferentes maneiras mas, reduzida a seu nível básico, a resposta é sempre outra pergunta: Até que ponto o paciente deseja sobreviver?

26 de janeiro

Faz dois dias que a tempestade me derrotou. Esta manhã, medi a ilha a passos. Que ilha! São 190 passos em sua parte mais larga e 267 de ponta a ponta.

Que me conste, nela nada existe para comer.

Meu nome é Richard Pine. Este é o meu diário. Se eu for encontrado (quando), poderei destruí-lo facilmente. Não há escassez de fósforos. De fósforos e de heroína. Há bastante de ambos. Nenhum deles vale nada por aqui, haha! Então, vou escrever. De qualquer modo, servirá para matar o tempo.

Se for para contar toda a verdade -e por que não? Sem dúvida, tempo não me falta! - devo começar dizendo que fui nascido Richard Pinzetti, na Pequena Itália de Nova York. Meu pai era um carcamano do Velho Mundo. Eu queria ser cirurgião. Meu pai riu, disse que eu era maluco e mandou que eu lhe levasse outro copo de vinho. Ele morreu de câncer, aos quarenta e seis anos. Fiquei contente.

Joguei futebol no ginásio. Fui o melhor jogador que minha escola já teve. Qnarterback, o capitão do time. Nos meus dois últimos anos, fui o vencedor do torneio All-City. Eu odiava futebol. Entretanto, quando se é um pobre descendente de carcamano, precisando de iniciativa individual para entrarem uma universidade, a única saída são os esportes.

Assim, eu joguei e consegui minha bolsa-de-estudos por atletismo.

Na universidade, só joguei futebol até minhas notas serem boas o suficiente para me permitirem uma bolsa-de estudos acad.mica integral. Preparatório para Medicina. Meu pai morreu seis semanas antes de minha diplomação. Um bom negócio. Acham que eu queria cruzar aquele palco e receber meu diploma, depois olhar para baixo e ver aquela bola de gordura sentada lá? Uma galinha quer uma bandeira? Também entrei para uma fraternidade. Não era das melhores - nunca, tendo um sobrenome Pinzetti - mas ainda assim, era uma fraternidade.

Por que escrevo isto? Chega a ser quase engraçado. Não, retiro isto. É engraçado. O grande Dr. Pine, sentado em uma pedra com suas calças de pijama e uma camiseta, em uma ilha quase do tamanho de uma cusparada, escrevendo sua história. E estou com fome! Ora, não importa, escreverei a maldita história de minha vida, se quiser. Pelo menos, desviará minha mente do estômago. Mais ou menos isso.

Mudei meu sobrenome para Pine, antes de entrar para a faculdade de Medicina. Minha mãe disse que eu lhe partia o coração. Que coração?.Um dia depois do meu velho estar debaixo da terra, ela já se embandeirava para o judeu da mercearia, no fim do quarteirão. Para alguém que tinha tanto amor ao nome, ela parecia com uma pressa dos diabos para trocá-lo por Steinbrunner.

Tudo quanto eu desejava era a cirurgia. Desde o ginásio. Já naquela época, ao envolver ataduras nas mãos antes de cada jogo e ao lavá-las depois. Quem quer ser um cirurgião, precisa proteger as mãos. Alguns colegas costumavam implicar comigo por causa disso, chamavam-me de covarde. Jamais lutei com eles. Jogar futebol já era risco suficiente. Havia outros meios. Quem mais pegava no meu pé era Howie Plotsky, um imigrante grandalhão e idiota da Europa Central, com a cara coberta de espinhas. Eu entregava jornais e, juntamente com os jornais, também vendia o jogo dos números. Havia sempre uma pequena renda, brotando de vários lugares. Acaba-se conhecendo gente, compreendam, são feitas conexões. Não há outro jeito, quando se vive pelas ruas. Qualquer filho da puta sabe como morrer. O negócio é aprender a sobreviver, entendem o que estou dizendo? Assim, paguei dez pratas ao cara mais corpulento da escola, Ricky Brazzi, para que ele fizesse a boca de Howie Plotsky desaparecer. Faça-a desaparecer, falei. Eu lhe pago um dólar para cada dente que me trouxer. Rico me trouxe três dentes, embrulhados em um guardanapo de papel. Ele deslocou duas articulações dos dedos, fazendo o trabalho, o que dá para verem em que tipo de problema eu ia me meter.

Na faculdade de Medicina, enquanto os outros otários se matavam para continuar estudando - não houve intenção de fazer piada, ha-ha! - entre trabalhar como garçons, vender gravatas ou limpar assoalhos, eu continuava me virando. Apostas de futebol e basquete. alguns seguros. Eu permanecia em bons termos com a antiga vizinhanca. E hido correu às mil maravilhas durante a faculdade.

Só entrei no negócio ilegal de drogas, quando fazia minha residência. Eu trabalhava em um dos maiores hospitais da Cidade de Nova York. A princípio, foram apenas formulários de receitas em branco. Eu vendia um bloco com cem formulários a um sujeito da vizinhança e ele forjava os nomes de quarenta ou cinqüenta médicos diferentes, usando amostras caligráfìcas que eu também lhe vendia. O cara dava meia

volta e distribuía os receituários na rua, a dez ou vinte dólares cada. Os viciados e adeptos das anfetaminas adoravam aquilo.

Depois de algum tempo, descobria confusão que era a farmácia do hospital. Ninguém sabia o que entrava ou saía. Havia gente arrastando artigos a mancheias. Eu, não. Sempre tive o máximo cuidado. Nunca me envolvi em problemas até ficar descuidado - e sem sorte. Contudo, vou aterrarem cima dos pés. Sempre aterro.

Não posso continuar escrevendo. Meu pulso está cansado e gastei a ponta do lápis. Aliás, não sei por que me preocupo. Alguém logo estará me tirando daqui.

27 de janeiro

O barco saiu à deriva esta noite e afundou em três metros de água, ao norte da ilha. E daí? O fundo, afinal, estava mais furado do que queijo suíço, depois de bater nos recifes. Eu já havia desembarcado tudo que representasse valor. Quatro galões de água. Um estojo de costura. Um estojo de pronto-socorro. Este livro no qual escrevo, que se presume deveria ser um registro de inspeção de barco salvavidas. Aí está a piada. Onde já se ouviu falar em um barco salva-vidas sem nenhuma COMIDA a bordo? O último registro aqui anotado, foi de 8 de agosto de 1970. Oh, sim, recolhi também duas facas, uma cega, a outra razoavelmente afiada, uma combinação de garfo e colher. Serão usados quando eu comer a minha ceia, esta noite. Pedra assada. Ha-ha! Bem, pelo menos, consegui fazer a ponta em meu lápis.

Quando der o fora desta pilha de rochas salpicadas de guano, vou processar a Paradise Lines, Inc., arrancar-lhe a pele. Vale a pena viver, nem que seja só para isso. Vou me livrar desta. Não tenham dúvidas a respeito. Vou sair daqui.

(mais tarde)

Quando fazia meu inventário, esqueci uma coisa: dois quilos de heroína pura, valendo cerca de 350.000 dólares, preço da rua, em Nova York. Aqui, seu valor é zero absoluto. Não é engraçado? Ha-ha!

28 de janeiro

Bem, consegui comer - se aquilo se chama comer. Havia uma gaivota encarapitada em uma das rochas no centro da ilha. Naquele ponto, as rochas ficam amontoadas, em lima espécie de montanha em miniatura - todas elas também cobertas de bosta de aves. Peguei uma pedra que se ajustava à minha mão e escalei as rochas. Até o mais próximo que ousei. A gaivota continuou lá, em cima de sua rocha, fitando-me com brilhantes olhos negros. Fiquei surpreso por não assustá-la com os roncos de meu estômago.

Atirei a pedra com quanta força pude e a atingi de lado. A gaivota soltou um grasnido alto e tentou fugir voando, mas eu lhe quebrara a asa direita. Subi dificultosamente o resto das rochas, mas ela escapou. Pude ver o sangue pontilhando suas penas brancas. A filha da mãe obrigou-me a uma verdadeira caçada; uma vez no outro lado do monte central de rochas, enfiei o pé na fenda entre duas pedras e quase fraturei o tornozelo.

A gaivota finalmente começou a ficar cansada e acabei agarrando-a no lado leste da ilha. Aliás, ela tentava entrar na água e ir embora nadando. Aferrei um punhado das penas de sua cauda, ela se virou e bicou-me. Então, peguei-a pelo pé. Pus a outra mão em torno de seu miserável pescoço e o torci. O som da fratura me encheu de satisfação. O almoço está servido, ouviram? Ha-ha!

Levei-a para meu "acampamento", mas antes de depená-la e estripá-la, passei iodo na ferida produzida por sua bicada. Aves possuem todo tipo de micróbios transmissíveis e, no momento, o último de que preciso é uma infecção.

A operação na gaivota transcorreu normalmente. Não pude cozinhá-la, o que foi uma pena. Afinal, na ilha não existe qualquer tipo de vegetação ou madeira atirada pelas ondas, além do que, o bote afundou. Assim, comia carne crua. Meu estômago queria expulsá-la em seguida. Eu compreendi, mas não permiti que o fizesse. Contei em ordem regressiva, até passar a náusea. Isto quase sempre funciona.

Podem imaginar aquela ave, quase me quebrando o tornozelo e depois me bicando? Se pegar outra amanhã, vou torturá-la. Deixei que esta escapasse da tortura fácil demais. Agora enquanto escrevo, posso olhar para sua cabeça decepada, na areia. Os olhos negros, mesmo com o vidrado da morte, parecem zombar de mim.

Gaivotas terão alguma quantidade de cérebro?

Serão comíveis?

29 de janeiro

Nada para mascar hoje. Uma gaivota pousou perto do alto da pilha de rochas, mas fugiu voando, antes que eu chegasse perto o bastante para "dar-lhe uma rasteira", ha-ha! Minha barba começa a crescer e coça como o diabo. Se a gaivota voltar e eu conseguir pegá-la, vou arrancar-lhe os olhos antes de comê-la.

Fui um danado de cirurgião, como creio já ter dito. Eles me botaram para fora. Francamente, chega a ser engraçado; eles fazem qualquer sujeira, mas ficam revoltados, hipocritamente revoltados, quando alguém é apanhado fazendo o mesmo. Dane-se, Jack, desde que não seja eu! O Segundo Juramento de Hipócrates e Hipócritas.

Eu havia juntado o suficiente com minhas aventuras quando interno e residente (presume-se que o cara então seja como um dignitário e cavalheiro, segundo o Juramento de Hipócritas, mas não acreditam nisso), para poder instalar consultório em Park Avenue. Foi também uma boa coisa para mim; eu não tinha nenhum papai rico ou patrocinador estabelecido, como tantos de meus "colegas". Quando pude pregar minha tabuleta de profissional, fazia nove anos que meu pai estava na cova dos indigentes. Minha mãe faleceu um ano antes de ser cassada a minha licença para clinicar.

Aquilo foi um atraso de vida. Eu me envolvera com meia dúzia de farmacêuticos do East Siei,., com duas firmas fornecedoras de medicamentos e pelo menos vinte outros médicos. Os pacientes eram enviados para mim e eu enviava pacientes. Continuava operando e prescrevendo a correta medicação pós-operativa. Nem todas as cirurgias

eram necessárias, porém jamais fiz uma só contra a vontade do paciente. E nunca tive um paciente que lesse o escrito no receituário e dissesse, "Não quero isto". Ouçam: se a gente permitir, elas têm uma histerectomia em 1965 ou uma tireóide parcial em 1970 e, cinco ou dez anos mais tarde, continuam tomando sedativos. Algumas vezes eu permitia. Não era o único, compreendam. Tais pacientes podem custear o hábito. Por outro lado, às vezes um paciente tem problemas para dormir, após uma cirurgia de pouca monta. Ou pro-

blemas para conseguir pílulas de dieta. Ou Librium. Tudo podia ser arranjado. Ha! Claro! E, se não arranjassem comigo, arranjariam com alguém mais.

Então, o pessoal dos impostos chegou a Lowenthal. Aquele carneiro cc-varde. Jogaram-lhe cinco anos na cara e ele tossiu meia dúzia de nomes. Um deles era o meu. Vigiaram-me por algum tempo e, quando aterraram, eu valia muito mais do que cinco anos. Existiam alguns outros envolvimentos, além dos formulários em branco, do qual eu não desistira por completo. E curioso. mas eu não precisava mais daquilo, porém se formara o hábito. É difícil abrir mão de uma grana extra.

Bem, eu conhecia algumas pessoas. Movi os cordões. E atirei dois sujeitos aos lobos. Ninguém de quem eu gostasse, contudo. Os que entreguei aos federais eram verdadeiros filhos da mãe.

Céus, que fome estou sentindo!

30 de janeiro

Hoje não há gaivota. Isto me recorda os avisos que, às vezes, vemos nas carrocinhas lá no subúrbio. HOJE NÃO HÁ TOMATE. Entre na água até a cintura, levando na mão a faca amolada. Fiquei absolutamente imóvel, no mesmo lugar, durante quatro horas com o sol batendo em mim. Por duas vezes, pensei que fosse desmaiar, mas contei retroativamente, até passar a sensação. Não vi peixe nenhum. Não havia um só para amostra.

31 de janeiro

Matei outra gaivota, da mesma forma que a primeira. Estava tão faminto, que não a torturei como havia premeditado. Tirei-lhe as tripas e a comi. Depois, espremi as tripas, que comi também. É estranho como sentimos a vitalidade renascendo. Eu começava a assustar-me. Deitado à sombra dá grande pilha central de rochas, pensava ouvir vozes. A de meu pai. De minha mãe. De minha ex-esposa. E, pior que tudo, também do grande cáina que me vendeu a heroína em Saigon. Ele tinha uma voz ciciante, possivelmente devido á uma fenda palatina parcial.

- Vamosss - dizia sua voz, vinda de nenhures. - Vamosss, dê uma sseirada. Assim, não perccceberá que essstá com tanta sssome. É uma belezzza...

Só que eu nunca me dopei, nem mesmo com pírulas para dormir.

Lowanthal se matou, há contei? Aquele covarde. Enforcou-se no que era seu escritório.

Da maneira como penso, prestou um favor ao mundo.

Eu queria minha licença de volta. Algumas das pessoas com quem falei, achavam que seria possível - mas ia custar uma nota alta. Mais do que eu poderia imaginar. Eu tinha 40.000 em um cofrc no banco. Decidi que nrecisaria correr o risco e modificar a situação. Dobrar ou triplicar aquela grana.

Então, procurei Ronnie Hanelli. Eu e Ronnie jogamos futebol juntos na universidade e, quando seu irmão menor se decidiu por medicina interna, ajudei-o a conseguir uma residência hospitalar. O próprio Ronnie fazia preparatórios para Direito, não é engraçado? Quando estávamos crescendo, no quarterão costumávamos chamá-lo de Ronnie Legal, porque ele apitava todos os jogos de stickball e

arbitrava o hóquei. Quem não gostasse de suas decisões, podia escolher - ficar de boca fechada ou comer socos. Os porto-riquenhos o chamavam de Roniecarcamano. Tudo em uma só palavra. Roniecarcamano. Isso o chateava. Pois esse cara fez faculdade, diplomou-se em leis e foi aprovado sem a menor dificuldade, da primeira vez em que se submeteu aos exames para advogar. Então, montou escritório na antiga vizinhança, bem em cima do Bar Aquário. Fecho os olhos, e ainda posso vê-lo cruzando o quarteirão naquele seu Continental branco. O maior tubarão da cidade, em questão de empréstimos.

Eu sabia que Ronnie tinha algo para mim.

- É perigoso -disse ele - mas você sempre pode cuidar de si mesmo. E se conseguir a licença de volta, eu o apresentarei a dois sujeitos. Um deles é um representante estadual.

Ele me forneceu dois nomes. Um deles era do grande china, Henry Li-Tsu. O outro era de um vietnamita chamado Solom Ngo. Um químico. Por um preço estipulado, testaria o produto do China. China era conhecido por suas "brincadeiras" eventuais. As "brincadeiras" eram sacos plásticos repletos de talco, de detergente em pó para limpar esgotos, de maisena. Ronnie dizia que, um dia, Li-Tsu ainda seria morto por causa de suas piadinhas.

l." de,fèi,ereiro

Houve um avião. Voou diretamente em cima da ilha. Tentei subir ao monte de rochas e acenar para ele. Meu pé enfiou-se em um buraco. Aquele mesmo maldito buraco que me prendeu, no dia em que matei a primeira gaivota, presumo. Fraturei o tornozelo, fratura composta. Foi como um balanço. Uma dor indescritível. Gritei e perdi o equilíbrio, girando os braços como louco, mas acabei rolando até embaixo, bati com a cabeça e tudo ficou negro. Só acordei quando já era crepúsculo. Perdi algum sangue, onde bati com a cabeça. Meu tornozelo havia inchado como um pneu e, de quebra, tive um sério caso de queimadura por exposição ao sol. Acho que se houvesse uma hora a mais de sol, eu acabaria com bolhas na pele.

Arrastei-me até aqui e passei a última noite tiritando e chorando de frustração. Desinfetei o ferimento da cabeça, logo acima do lobo temporal direito. Coloquei ataduras, o melhor que pude. Foi apenas um ferimento superficial do couro cabeludo,

mais uma concussão secundária, suponho, porém meu tornozelo... Foi uma coisa feia, envolvendo dois lugares, talvez três.

Como vou poder perseguir as aves agora?

Só podia ser um avião em busca de sobreviventes do Callas. Com a escuridão e a tempestade, o barco salva-vidas pode ter sido levado para quilômetros e quilômetros de distância do local do naufrágio. É possível que nem voltem mais por aqui.

Céus, e com meu tornozelo doendo tanto!

2 defevereiro

Fiz um sinal, na pequena praia de areia branca no lado sul da ilha, aonde o

barco salva-vidas aportou. Levei o dia inteiro, com paradas para descansar na sombra. Mesmo assim, perdi os sentidos duas vezes. Imagino que já tenha perdido uns doze, treze quilos, em especial pela desidratação. Agora, contudo, de onde estou sentado, posso ver as quatro letras que levei o dia inteiro escrevendo; rochas escuras contra a areia branca, dizendo HELP(Socorro), em letras de metro e meio de altura. Se outro avião passar, não me perderá.

Se houver outro avião.

Meu pé lateja constantemente. Continua inchado e muito vermelho em torno da fratura dupla. A vermelhidão parece ter aumentado. Amarrando apertadamente com minha camisa, alivio o pior da dor, porém ela continua forte, a ponto de eu antes perder os sentidos, do que dormir.

Comecei a pensar que talvez precise amputá-lo.

3 de fevereiro

A inchação e a vermelhidão estão piores. Vou esperar até amanhã. Se a operação se tornar necessária, acho que conseguirei levá-la a cabo. Tenho fósforos para esterilizar a faca amolada, além de agulha e linha do estojo de costura. Minha camisa servirá como atadura.

Para cúmulo, conto com dois quilos de "sedativo", embora dificilmente do tipo que eu receitaria. Contudo, as pessoas o tomariam, se pudessem consegui-)o. Podem apostar. Aquelas velhas damas de cabelos azulados cheirariam qualquer coisa, se pensassem que isso as deixaria altas. Podem crer!

4 de fevereiro

Decidi amputar meu pé. Agora, há quatro dias que não como. Se esperar mais tempo, corro o risco de desmaiar, de choque e de fome no meio da operação, com uma hemorragia que me levará à morte. Afinal, embora esteja um trapo, eu quero viver. Lembro-me do que Mockridge costumava dizer, em Anatomia Básica. Nós o

chamávamos de Velho Mockie. Cedo ou tarde, a pergunta se apresenta a todo estudante de Medicina. Até que ponto o paciente suporta o choque de um trauma? Então, ele seguia o mapa do corpo humano com sua ponteira, indicando o fígado, os rins, o coração, o baço, os intestinos. Reduzida a seu nível básico, senhores, a resposta é sempre outra pergunta: Até que ponto o paciente deseja sobreviver?

Creio que posso ser bem sucedido.

Tenho certeza.

Acho que estou escrevendo para adiar o inevitável, mas ocorreu-me que ainda não terminei a história de como vim parar aqui. Talvez devesse preencher essa lacuna, para o caso da operação dar errado. Levarei apenas alguns minutos e estou certo de que sobrará claridade - luz do dia - suficiente para a operação, porque, segundo meu Pulsar, são apenas nove e nove da manhã. Ha!

Voei para Saigon como turista. Parece estranho? Pois não devia. Ainda existem milhares de visitantes para lá todos os anos, a despeito da guerra de Nixon. Há pessoas que também gostam de ver destroços de veículos e brigas de galo.

Meu amigo chinês tinha a mercadoria. Levei-a a Ngo, que a declarou material de pureza máxima. Ele me contou que Li-Tsu tinha feito uma de suas brincadeiras quatro meses atrás e que sua esposa voara em pedaços, ao ligar a ignição de seu Opel. Desde então, não houvera mais brincadeiras.

Fiquei três semanas em Saigon; havia comprado passagem de volta a São Francisco em um navio-cruzeiro, o Callas. Camarote de primeira classe. Não houve problemas para subir a bordo com a mercadoria. Por uma certa quantia, Ngo arranjou para que dois funcionários aduaneiros simplesmente me acenassem para irem frente, após a vistoria em minhas malas. A mercadoria estava acondicionada em uma sacola de vôo, que eles nem se deram ao trabalho de verificar.

- Vais ser mais difícil passar pela alfândega dos Estados Unidos - disse-me Ngo. - Contudo, isso é problema seu.

Eu não pretendia fazer a mercadoria passar pela aduana americana. Ronnie Hanelli conseguira que um mergulhador fizesse um certo trabalhinho arriscado por 3.000 dólares. Eu deveria encontrá-lo (agora que penso nisso, seria há dois dias passados) em um cortiço de São Francisco, chamado Hotel São Regis. O plano era colocar a mercadoria em uma lata à prova d'água. Adaptados ao topo haveria um timer e um pacote de corante vermelho. Pouco antes de atracarmos, a lata seria atirada ao mar - mas não por mim, naturalmente.

Eu ainda procurava um cozinheiro ou camareiro que aceitasse uma nota extra e fosse esperto -ou estúpido o bastante - para ficar de boca fechada depois disso, quando o Callas afundou.

Não sei como e nem por quê. Havia uma tempestade, mas o navio parecia enfrentá-la perfeitamente. Por volta de oito da noite do dia 23, houve uma explosão em algum

lugar, abaixo dos conveses. No momento, eu me encontrava no salão, e o Callas começou a adernar quase imediatamente. Para a esquerda... eles chamam de "bombordo" ou "estibordo"?

Pessoas gritavam e corriam para todos os lados. Garrafas caíam das prateleiras no fundo do bar e estilhaçavam-se no chão. Um homem irrompeu dos níveis mais baixos, cambaleando, com a camisa queimada e a pele transformada em churrasco. O alto-falante começou a dizer às pessoas que se encaminhassem para os postos de barcos salva-vidas que lhes tinham sido designados durante o treinamento contra incêndio, no início do cruzeiro. Os passageiros continuaram correndo de um lado para outro. Bem poucos se tinham dado ao trabalho de comparecer ao treinamento. Eu, não só compareci, como cheguei cedo- queria estar na primeira fila, compreendam, de maneira a ter uma visão total de tudo. Sempre dedico a máxima atenção a tudo, quando se trata de conservar a pele.

Fui a meu camarote, peguei as sacolas de heroína e coloquei cada uma em meus bolsos da frente. Depois segui para o Posto de Barcos Salva-vidas 8. Quando subia a escada para o convés principal, houve mais duas explosões e o barco passou a inclinar-se ainda mais acentuadamente.

A confusão predominava no ambitente. Vi uma mulher gritando com um bebê nos braços, enquanto passava por mim. Então, ela escorregou no piso cada vez

mais inclinado. Bateu com as coxas na amurada e caiu fora do barco. Ainda a vi girar duas vezes em pleno ar e iniciar um terceiro giro, antes de perdê-la de vista. Um homem de meia idade, sentado no centro do jogo de mareias, no tombadilho, arrancava os cabelos. Outro homem, em trajes de cozinheiro, horrivelmente queimado no rosto e mãos, cambaleava de um lugar para outro, gritando, "AJUDEM-ME! EU NÃO CONSIGO ENXERGAR! AJUDEM-ME! NÃO CONSIGO ENXERGAR!-

0 pânico era quase total! transmitira-se dos passageiros à tripulação, como uma doença. Lembrem-se de que o tempo decorrido entre a primeira explosão até o real afundamento do Cafas, foi de somente vinte minutos. Alguns postos dos escaleres estavam apinhados de gente gritando, enquanto outros se encontravam absolutamente vazios. O meu, no lado do barco que adernava, estava quase deserto: apenas eu e um marinheiro comum, de rosto pálido e com espinhas.

- Vamos logo botar este filho da puta na água - disse ele, com os olhos girando loucamente nas órbitas. - Esta maldita banheira vai direto para o fundo.

Não há dificuldade em operar-se as engrenagens de um barco salva-vidas, mas em seu crescente nervosismo, o marinheiro emaranhou todo o seu lado da cordoalha. O barco desceu dois metros, depois ficou pendurado, a proa meio metro mais baixa do que a popa.

Eu ia aproximar-me para ajudá-lo, quando ele começou a gritar. Conseguiu desemaranhar a cordoalha e ficar com a mão presa, ao mesmo tempo. A corda que se desenrolava raspou firme sobre sua mão aberta, arrancando a pele, e ele foi expelido por sobre a borda.

Joguei a escada de cordas para baixo, desci por ela apressamente e soltei o escaler da cordoalha que o abaixava. Depois remei, algo que havia feito ocasionalmente por prazer, quando nas casas de veraneio dos amigos - algo que agora fazia para salvar minha vida. Sabia que, se não me afastasse o suficiente do agonizante Callas antes que ele afundasse, a sucção me levaria para o fundo com ele.

Apenas cinco minutos mais tarde, o Cállas afundou. Eu não escapara inteiramente à sucção; precisei remar como louco, apenas para ficar no mesmo lugar. O navio afundou rapidamente. Ainda havia pessoas aferradas à amurada da proa, aos gritos. Pareciam um bando de macacos.

A tempestade aumentou. Perdi um remo, porém consegui manter o outro. Passei toda aquela noite em uma espécie de sonho, primeiro esvaziando a água do fundo, depois agarrando o remo e remando furiosamente, para manter a proa do bote na direção da próxima onda que se avolumava.

Pouco antes do alvorecer do dia 24, as ondas começaram a ficar mais fortes atrás de mim. O barco arremeteu para diante. Eu estava aterrorizado, mas eufórico ao mesmo tempo. De repente, a maioria das tábuas do fundo foi arrancada de sob os meus pés. Antes, entretanto, que o escaler pudesse afundar, foi atirado para este monte de rochas esquecido por Deus. Eu nem ao menos sabia onde estava; não tinha a menor idéia de minha localização. Navegar nunca foi o meu ponto alto, ha-ha!

Contudo, sei o que tenho a fazer. Este talvez seja o último registro neste livro, mas creio que terei êxito, de algum modo. Não o tive sempre? Por outro lado, hoje em dia fazem coisas espetaculares, em matéria de próteses. Posso me virar muitíssimo bem, com apenas um pé.

Chegou A hora de verificar se sou tão bom como imagino. Sorte!

5 de fevereiro

Já fiz.

A dor era a parte que mais me preocupava. Posso suportá-la, mas pensei que, em minha condição debilitada, uma mistura de fome e agonia poderia levar-me ao desfalecimento, antes que conseguisse terminar.

A heroína, no entanto, resolveu isto completamente.

Abri uma das sacolas e aspirei duas boas pitadas, sobre a superfície de uma rocha plana - primeiro a narina direita, depois a esquerda. Foi como aspirar algo gelado e maravilhosamente entorpecedor, que se espalhou pelo cérebro, debaixo para cima. Aspirei a heroína, assim que terminei de escrever neste diário ontemisso foi às 9:45. Quando tornei a consultar meu relógio, as sombras se tinham movido, deixando-me parcialmente ao sol, e já eram 12:41. Eu havia cochilado. Nunca imaginei que isso poderia ser tão belo, não entendo por que era tão desdenhoso antes. A dor, o terror, a infelicidade... tudo desaparece, deixando apenas uma calma euforia.

Foi neste estado que operei.

Naturalmente, houve muita dor, a maioria dela na parte terrena da cirugia. Contudo, ela parecia desligada de mim, como se fosse a dor em outra pessoa. Isso me perturbou, porém foi algo muito interessante. Dá para entender? Talvez vocês entendam, se usarem uma forte medicação com base de morfina. Trata-se de algo mais do que a dor imprecisa. Induz a um estado de mente. A uma serenidade. Posso compreender porque as pessoas ficam viciadas, embora "viciado" me pareça uma palavra demasiado forte, mais comumente usada por aqueles que nunca experimentaram.

Embora sentida a meio, a dor começou a tornar-se uma coisa mais pessoal. Fui invadido por ondas de vertigem. Olhava ansiosamente para a sacola aberta do pó branco, mas me forçava a desviar os olhos. Se repetisse a dose, teria uma hemorragia fatal, tão certa como se perdesse os sentidos. Em vez disso, contei retroativamente, a partir de cem.

A perda de sangue era o fator mais crítico. Como cirurgião, eu estava vitalmente cônscio disso. Nem uma gota podia ser perdida desnecessariamente. Quando um paciente sofre uma hemorragia, durante uma cirurgia no hospital, podemos dar-lhe uma transfusão de sangue. Eu não dispunha de tais luxos. O que estava perdido - e quanto terminei, a areia debaixo de minha perna estava escura de sangue - perdido estava, até que minha fábrica interna renovasse o suprimento. Eu não tinha pinça, hemostatos ou fio cirúrgico.

Iniciei a cirurgia exatamente às 12:45. Terminei-a às 13:50 e imediatamente

mediquei-me com heroína, uma dose maior do que antes. Penetrei em um mundo cinza e indolor, lá permanecendo até quase as cinco da tarde. Quando saí dele, o sol aproximava-se do horizonte oeste, esbatendo uma trilha dourada através do Pacífico azul, até onde me encontrava. Nunca vi nada mais belo... toda a dor valeu por apenas aquele instante. Uma hora depois, cheirei uma pitada mais, apenas para saborear e apreciar melhor o pôr-do-sol.

Logo depois do escurecer, eu...

Eu...

Um momento. Já lhes contei que estou sem comer nada há quatro dias? E que a única ajuda de que me vali, na questão de reabastecer minha debilitada vitalidade foi meu próprio corpo? Acima de tudo, não lhes disse, incessantemente, que a sobrevivência é uma atividade da mente? Da mente superior? Não pretenderei justificar-me, alegando que vocês teriam feito o mesmo. Em primeiro lugar, o mais provável é que não sejam cirurgiões. Mesmo que estivesse a parda mecânica da amputação, poderiam manejar tão mal a situação, que de qualquer modo sangrariam até a morte. E, mesmo que suportassem a operação e o choque do traumatismo, talvez a idéia nunca penetrasse em suas mentes pré-condicionadas. Não faz diferença. Ninguém vai saber. Meu último ato, antes de deixar a ilha, será destruir este livro.

Fui muito cuidadoso.

Lavei-o minuciosamente, antes de comê-lo.

7 de fevereiro

A dor no coto foi terrível - lancinante de quando em quando. No entanto, creio que a arraigada comichão, à medida que se inicia o processo de cicatrização, tem sido o pior. Esta tarde, fiquei pensando em todos os pacientes que se queixavam de não suportarem a terrível e não-coçável coceira da carne em falta. Eu sorria, dizia a eles que no dia seguinte se sentiriam melhor, pensando comigo mesmo como eram lamentosos e moles, aqueles bebês ingratos. Agora, posso compreender. Por várias vezes, estive perto de rasgar e arrancar as ataduras feitas com minha camisa e coçar, cravar os dedos na carne viva e macia, puxar as suturas rudes, deixar o sangue esguichar para a areia, qualquer coisa, tudo enfim, para ficar livre dessa enlouquecedora, horrível coceira.

Em tais momentos, eu contava regressivamente, começando em cem. E cheirava heroína.

Não faço idéia da quantidade que já lanceiem meu organismo, porém sei que tenho ficado "dopado" quase continuamente, desde a operação. A heroína diminui a fome, como sabem. Mal tenho consciência de estar faminto. Existe um vago e distante vazio em meu estômago e isso é tudo. Poderia ser facilmente ignorado. Contudo, não posso fazer isso. A heroína não possui valor calórico mensurável. Estive me testando, rastejando de um lugar para outro, medindo minhas energias. Estão acabando.

Oh, Deus, espero que não, mas... talvez seja necessária outra cirurgia.

(mais tarde)

Outro avião sobrevoou a ilha. Alto demais, para me ser útil; tudo quanto pude ver foi a esteira de vapor do jato, espichando-se no céu. Mesmo assim, acenei para ele. Acenei e gritei para ele. Depois que desapareceu, eu chorei.

Está ficando muito escuro para enxergar. Comida. Estive pensando em todos os tipos de comida. A lasanha de minha mãe. Pão de alho. Lagosta. Escargots. Filé mignon. Pêssegos melba. Grelhado londrino. A enorme fatia de bolo inglês e a concha de creme de baunilha feito em casa, que nos dão por sobremesa no "Mother Crunch".da Primeira Avenida. Pãezinhos quentes, salmão defumado, Alaska defumado, presunto defumado com rodelas de abacaxi. Rodelas de cebola. Molho acebolado com batatas fritas, chá gelado em longos, longos goles, batatas fritas fazem a gente lamber os beiços.

100, 99, 98, 97, 96, 95, 94

Deus, Deus, Deus.

8 de fevereiro

Outra gaivota pousou no monte de rochas esta manhã. Uma das gordas. Eu estava sentado à sombra de minha rocha, o que considero meu acampamento, com o coto

envolvido nas ataduras e bem apoiado. Comecei a salivar, assim que a gaivota pousou. Exatamente como um dos cães de Pavlov. Babando impotentemente, como um bebê. Igual a um bebê.

Peguei uma pedra, grande o bastante para ficar bem aj ustada em minha mão, e comecei a engatinhar para a gaivota. Quarto guarter. Estamos agora reduzidos a três. Terceira e longa yardage. Pinzetti recua para o passe (Pine, quero dizer, Pine). Eu não tinha tanta esperança. Estava certo de que a gaivota voaria. Contudo, precisava tentar. Se pudesse apanhá-la, uma ave tão gorda e insolente como aquela, poderia adiar indefinidamente uma segunda operação. Rastejei para ela, com o coto batendo em uma rocha de quando em quando e enviando estrelas de dor por todo o meu corpo. Esperei que ela voasse.

Não voou. Apenas andou de um lado para outro, seu peito carnudo empinado, como o de algum general avícola, passando tropas em revista. De vez em quando olhava para mim com seus olhinhos astutos e eu ficava rígido como uma pedra, contava de trás para diante, começando de cem, até ela recomeçar a andar para cá e para lá. A cada vez que ela agitava as asas, meu estômago parecia encher-se de gelo. Continuei babando. Não era possível controlar-me. Estava babando como um bebê.

Não sei por quanto tempo a fiquei espreitando. Uma hora? Duas? E quanto mais perto eu chegava, mais meu coração disparava e mais saborosa me parecia a gaivota. Ela dava a impressão de zombar de mim. Comecei a acreditar que, tão logo eu chegasse à distância de tiro, ela voaria para fora de meu alcance. Meus braços e pernas tinham começado a tremer. Eu sentia a boca seca. O coto latejava de modo lancinante. .Agora, penso que devia estar sentindo dores por falta da droga. Bem, mas tão cedo? Fazia menos de uma semana que eu a vinha usando!

Não importa. Eu precisava dela, preciso. Há muita heroína ainda, bastante. Se tiver que me submeter a um período de cura mais tarde, quando voltar aos States, interno-me na melhor clínica da Califórnia e tudo será como uma brincadeira. No momento, o problema não é este, certo?

Quando cheguei a uma boa distância para acertar, não quis atirar a pedra. Fiquei insanamente convicto de que erraria, provavelmente por mais de metro. Precisava chegar mais perto. Assim, continuei a rastejar para o alto do monte de rochas, a cabeça jogada para trás, o suor escorrendo de meu corpo debilitado de espantalho. Meus dentes haviam começado a cariar, já lhes contei? Se fosse um cara supersticioso, diria que era porque tinha comido...

Ha! Nós sabemos o que, não é mesmo?

Parei novamente. Estava muito mais perto dela do que o estivera das outras gaivotas. Contudo, não conseguia forçar-me a jogar-lhe a pedra. Aferrei-a na mão até os dedos doerem, mas continuava sem atirá-la. Porque sabia exatamente o que ia acontecer, caso falhasse a pontaria.

Pouco me importo se usar toda a mercadoria! Processarei todos eles, até o fim! Ficarei numa boa pelo resto da vida! De minha longa vida!

Penso que teria rastejado até a gaivota, sem jogar a pedra, se ela finalmente não voasse. Eu chegaria até o alto e a estrangularia. No entanto, a maldita bateu as asas e fugiu. Gritei para ela, ergui-me nos joelhos e atirei a pedra, com todas as forças. E acertei!

A enorme ave soltou um grasnido estrangulado e caiu no outro lado do monte de rochas. Rindo e falando incoerentemente, agora pouco ligando se batia com o coto em algum obstáculo ou abria a ferida, rastejei até o alto e para o outro lado. Perdi o equilíbrio e bati com a cabeça. Nem mesmo dei por isso, não no momento, embora houvesse se formado um galo enorme. Eu só conseguia pensar na gaivota e em como a tinha acertado, uma sorte fantástica, em pleno ar. Eu a acertara!

No outro lado da pilha de rochas, ela saltava desajeitadamente para a praia, uma asa quebrada, a parte inferior do corpo vermelha de sangue. Engatinhei o mais depressa que pude, porém ela era ainda mais rápida. Uma corrida de aleijados! Ha! Ha! Eu podia tê-la agarrado - a distância diminuía entre nós - se não fosse por minhas mãos. Preciso ser muito cuidadoso com elas. Posso vir a precisar das mãos novamente. A despeito de meus cuidados, as palmas estavam laceradas, quando alcancei a estreita faixa de praia, além de estilhaçar o mostrador de meu Pulsar contra a crista de uma pedra.

A gaivota saltou para a água, grasnindo repulsivamente, mas consegui alcançá-la. Agarrei um punhado de penas de sua cauda, que ficou entre meus dedos. Depois caí, inalando água, fungando e asfixiando.

Rastejei mais. Inclusive, tentei nadaratrás dela. As ataduras me caíram do coto. Comecei a afundar. Pude apenas retomar à praia, trêmulo de exaustão, dilacerado pela dor, chorando e gritando, xingando a gaivota. Ela ficou flutuando por muito tempo, sempre cada vez mais distante. Tenho a impressão de que, a certa

altura, eu lhe pedia que voltasse. No entanto, quando se foi, por sobre o recife, acho que estava morta.

Não é justo.

Levei quase uma hora engatinhando para meu acampamento. Cheirei uma boa dose de heroína mas, mesmo assim, continuo francamente furioso com a gaivota. Se eu não ia consegui-Ia, por que ela havia de zombar de mim? Por que não se limitou a fugir voando?

9 de fevereiro

Amputei meu pé esquerdo e o envolvi em ataduras feitas com minhas calças. Curioso. Durante toda a cirurgia, eu fiquei babando. Babaaando. Do mesmo jeito de quando via gaivota. Babando irremediavelmente. Contudo, obriguei-me a esperar até depois do escurecer. Fiquei contando para trás, a partir de cem... vinte ou trinta vezes! Ha! Ha!

E então...

Fico repetindo para mim mesmo: rosbife frio. Rosbife frio. Rosbife frio.

ll (?) de ' fevereiro

Choveu nos dois últimos dias. Também ventou forte. Consegui mover algumas rochas da pilha central, suficientes para fazer um buraco onde pudesse abrigar-me. Encontrei uma aranha pequenina. Apertei-a entre os dedos, antes que pudesse fugir, depois a comi. Muito gostosa. Suculenta. Refleti que as rochas acima de mim podem cair e sepultar-me vivo. Não me importo.

Passei dopado toda a tempestade. Talvez tenha chovido três dias, em vez de dois. Ou apenas um. Contudo, acho que escureceu duas vezes. Adoro desligarme da realidade. Então, não sinto dores nem comichões. Sei que sobreviverei a isto. Uma pessoa não passa por semelhante provação em troca de nada.

Quando eu era criança, havia um padre na Igreja da Sagrada Família, um sujeito tampinha, que adorava discorrer sobre o inferno e pecados mortais. De fato, aquilo era um verdadeiro hobby para ele. Seu conceito era de que não se pode anular um pecado mortal. Sonhei com ele esta noite, com o Padre Hailley em sua batina negra, seu nariz de beberrão, sacudindo o dedo para mim e dizendo, "Que vergonha, Richard Pinzetti... um pecado mortal... você vai para o inferno, garoto... vai para o inferno..."

Ri dele. Se este lugar não é o inferno, então o que é? E o único pecado mortal é desistir.

Metade do tempo estou delirando; na outra metade, meus cotos comicham e a umidade faz com que doam terrivelmente.

Ainda assim, eu não desisto. Juro. Isto não acontece por nada. Tudo isto não é em vão.

12 de fevereiro

O sol despontou novamente, faz um lindo dia. Espero que eles estejam congelando os traseiros, lá onde eu morava.

Foi um bom dia para mim, tão bom como é possível nesta ilha. A febre que tive durante a tempestade, parece ter caído. Eu estava fraco e tiritante quando rastejei para fora de meu abrigo, mas depois de jazer ao sol por duas ou três horas, quase comecei a sentir-me humano novamente.

Engatinhei para o lado sul e encontrei vários pedaços de madeira, lançados aqui pela tempestade, incluindo-se várias tábuas de meu barco salva-vidas. Havia algas e plantas marinhas em algumas das tábuas. Eu as comi. Tinham um gosto horrível. Era como comer uma cortina de plástico de chuveiro. Contudo, senti-me bem mais forte esta tarde.

Arrastei a madeira até o mais longe que pude, a fim de que seque. Ainda tenho um tubo inteiro de fósforos à prova d'água. A madeira dará um bom fogo para sinalização, caso alguém chegue logo. Ou talvez uma fogueira para cozinhar. Vou dar uma cheirada agora.

13 de fèvereiro

Encontrei um caranguejo. Matei-o e o assei em uma pequena fogueira. Esta noite, quase voltei a acreditar em Deus.

14 de.tèi,ereiro

Só esta manhã percebi que a tempestade desarrumou a maioria das pedras que formavam o meu sinal de HELP. Ora, mas a tempestade terminou... há três dias? Terei ficado realmente tão dopado? Preciso cuidar disto, baixar a dosagem. E se aparecer um navio, enquanto eu estiver desligado?

Tornei a compor as letras, porém isso me tomou a maior parte do dia e agora estou exausto. Procurei um caranguejo onde encontrei o primeiro., mas nada. Cortei as mãos em várias rochas que usei para fazer o sinal, mas imediatamente as desinfetei com iodo, apesar de meu cansaço. Devo tomar cuidado com as mãos. Haja o que houver.

15 defevereiro

Uma gaivota pousou no alto do monte de rochas, mas voou antes que eu chegasse ao alcance de tiro. Desejei que ela fosse para o inferno, onde poderia bicar os olhinhos injetados de sangue do Padre Hailley, por toda a eternidade.

Ha! Ha!

Ha! Ha!

Ha

17 (?) de fevereiro

Amputei minha perna esquerda na altura do joelho, mas perdi um bocado de sangue. A dor é lancinante, a despeito da heroína. O choque pelo traumatismo mataria um homem menor. Quero responder com uma pergunta: Até que ponto o paciente deseja sobreviver? Até que ponto o paciente deseja viver?

Minhas mãos tremem. Se elas me traírem, estou acabado. Elas não têm o di-

reito de trair-me. O menor direito. Afinal, cuidei bem delas por toda a sua vida. Paparíquei-as. É melhor que não me traiam. Ou se arrependerão.

Pelo menos, não estou com fome.

Uma das tábuas do barco salva-vidas partiu-se ao meio e uma de suas extremidades formou uma ponta. Usei-a. Estava babando, mas me forcei a esperar. E então, fiquei pensando em... oh, nos churrascos que tínhamos. Pensei na casa de Will Hammersmith em Long Island, com uma churrasqueira grande o bastante para assar um porco inteiro. Ficávamos sentados na varanda ao anoitecer, com generosos drinques nas mãos, falando sobre técnicas cirúrgicas, escores de golfe ou qualquer outra coisa. Então, armava-se uma brisa e trazia até nós o doce aroma do porco se tostando. Judas Iscariotes, o doce aroma do porco se tostando...

? de fevereiro

Tirei a outra perna à altura do joelho. Dormi o dia inteiro. ' `Esta operação era necessária, doutor?" Haha. Mãos trêmulas, como as de um velho. Eu as odeio. Sangue debaixo das unhas. Feridas. Alguém se lembra daquele modelo na faculdade de Medicina, com o ventre de vidro? É assim que me sinto. Só que não quero olhar. Nem me conte. Recordo que Dom costumava dizer isso. Vinha se bamboleando até a gente na esquina, com seu blusão do clube Proscritos da Rota. A gente perguntava, como se saiu com ela, Dom? E Dom respondia, nem me conte. O velho Dom. Eu gostaria de nunca ter saído de lá, do subúrbio. Isto soa tão falso, que até Dom diria, haha.

No entanto, fiquem sabendo que, com a terapia adequada e uma boa prótese, posso ficar novo em folha. Voltarei aqui e direi às pessoas " Isto. Foi onde. Aconteceu. "

Hahaha!

23 (?) de fevereiro

Não tenho coragem, mas é preciso. Contudo, de que jeito vou suturar a artéria femural, em um ponto tão alto? Neste local, ela é tão grande como uma autoestrada.

Vai ser preciso, de algum modo. Fiz a marcação através do topo da coxa, na parte que ainda está carnuda. Fiz a marcação com este lápis.

Eu desejaria parar de babar.

Fe

Você... merece... uma folga hoje... portanto, levante-se e vá... até o Mc Donald's... duas rodelas inteiras de pura carne... molho especial... alface... pickles... cebola... sobre um pãozinho com sementes de gergelim...

Tra-la... Ia-la-la... Ia-ri-la...

Fev

Hoje olhei para meu rosto na água. Nada mais que um crânio coberto de pele.

Já estarei insano? Devo estar. Agora sou um monstro, um fenômeno. Não sobrou mais nada das virilhas para baixo. Apenas um fenômeno. Uma cabeça presa a uru torso, arrastando-se na areia, pelos cotovelos. Um caranguejo dopado. Não é como chamam a si mesmos agora? Ei, amigo, sou um pobre caranguejo dopado, pode me arranjar um níquel?

Hahahaha.

Dizem que somos o que comemos e, se for verdade, EU NÃO MUDEI EM ABSOLUTO! Santo Deus, o choque-traumático choque-traumático, NÃO EXISTE

ISSO DE CHOQUE-TRAUMÁTICO

HA

40 (?)Ifèr

Sonhei com meu pai. Quando bebia, ele engrolava todo o seu inglês. Não que valesse grande coisa o que dizia. Fodido seboso. Fiquei tão feliz em ir embora de sua casa papai, seu monte fodido de toucinho seboso, nada nada zero zero. Eu sabia que conseguiria. Fugi de você, não foi? Fugi caminhando sobre minhas próprias mãos.

Só que não há nada mais sobrando para eles cortarem fora. Ontem tirei os lóbulos de minhas orelhas

mão esquerda lava a direta não deixe sua mão esquerda saber o que faz a direita uma batata duas batatas três batatas quatro nós temos uma geladeira com porta de prateleiras.

Hahaha.

E daí, quem se importa, esta mão ou aquela. Boa comida boa carne bom Deus vamos comer.

dedos-de-dama eles têm exatamente o mesmo sabor que dedos-de-dama.